

Línguas artificiais: o contato de línguas na ficção fantástica

Vinicius Borges de Almeida¹; Isabella Mozzillo²

¹Universidade Federal de Pelotas – viniciusalmeida205@yahoo.fr

²Univesidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir sobre línguas artificiais e contato de línguas em “A Sociedade do Anel”, primeiro livro da trilogia “O Senhor dos Anéis”, escrito por J. R. R. Tolkien (1892-1973). Não somente foi escritor, como também filólogo, fato a ser destacado quando se pensa em conhecimento e criação de línguas. Buscou-se explorar o quenya, uma das línguas usadas na ficção, entender o contato de línguas entre os povos que a falam, bem como em que contextos ela é utilizada.

Entende-se por língua artificial “todas aquelas que não surgem por necessidade natural de comunicação, produzidas através de uma atividade consciente” (STÖRIG, 1990). Dentro destas, estão aquelas consideradas artísticas, como é o caso do quenya, usada para dar identidade aos *Quendi*, uma vez que, para este povo, a criação da fala é a mais antiga das artes e a mais amada. Além disso, eles compõem um grupo de seres cujos “aspectos artísticos, estéticos e científicos estão elevados a um nível mais superior” (FAUSKANGER, 2011). Este autor ainda justifica o estudo do quenya como sendo a chave para uma apreciação completa das belezas criadas por Tolkien.

Portanto, procura-se demonstrar de que forma esta língua aparece na narrativa, como se dá o contato deste povo com os demais e de que maneira esses fatos linguísticos influenciam no momento da leitura.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, realizou-se a leitura de “A Sociedade do Anel”, para que depois fosse possível procurar na literatura subsídios para o entendimento de línguas artificiais e sua importância na construção da trilogia de “O Senhor dos Anéis”, afinal seu autor, além de escritor, foi também estudioso das línguas clássicas e amante da invenção de novas línguas. Os materiais disponíveis para pesquisa sobre suas criações são escassos, praticamente restringem-se aos apêndices de “O Retorno do Rei”, terceiro livro da série. Contudo, sabe-se que “Tolkien escreveu alguns poemas em élfico, mas sua quantidade é muito pequena comparada às (...) páginas que ele escreveu sobre a estrutura de seus idiomas” (FAUSKANGER, 2011).

Embora seja interessante avaliar aspectos gramaticais e estruturais do quenya a partir desses materiais, este trabalho busca trazer um novo olhar, a partir dos conhecimentos de línguas em contato, para as funções do quenya na narrativa, uma vez que esse idioma está fortemente associado à ficção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no prefácio de “A Sociedade do Anel”, Tolkien ressalta que seu trabalho é “fruto de uma inspiração primordialmente linguística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo 'histórico' para as línguas élficas” (TOLKIEN, 2000).

Essa ideia traz consigo duas constatações importantes: primeiramente, o autor tem todo o trabalho e cuidado para criar a língua e depois lhe concede um “pano de fundo”, e não o contrário. Fauskanger declara que “os mitos associados certamente enriquecem o quenya e nos ajudam a compreender que tipo de ‘sabor’ linguístico Tolkien almejava (...)” (FAUSKANGER, 2011). Por outro lado, ao fazer isso, o escritor não somente compôs os mitos, mas também sustentou seu idioma criado ao fornecer-lhe o essencial: falantes.

Antes de relatar as funções do quenya e os momentos em que essa língua aparece na obra, é preciso comentar minimamente sobre ela. Ela é considerada uma língua artificial *a posteriori*, ou seja, sua gramática, fonologia e vocabulário têm relações com aqueles de línguas naturais. A inspiração veio através das línguas clássicas, mas sobretudo a partir do finlandês, um idioma composto por um sistema de dezesseis declinações, das quais nove foram trazidas para o quenya: nominativo, acusativo, genitivo, instrumental, possessivo, alativo, dativo, locativo e ablativo. Tal fato torna o quenya uma língua de gramática complexa, muito embora se reduza consideravelmente o número de palavras de uma sentença. A seguinte frase exemplifica: *Anar caluva tielyanna*, em que três palavras em quenya são traduzidas em sete para o português: “o sol brilhará sobre o seu caminho”. Somente na palavra *tielyanna* se tem -lya como o possessivo “seu” e -nna como a preposição “sobre”.

Em relação à fonologia, o nativo de português brasileiro não apresenta dificuldades para pronunciar as palavras em quenya. A única novidade encontra-se no som representado por [ç], muito comum no alemão e outros idiomas germânicos. Por isso, “o alemão pode de fato ser a inspiração de Tolkien para esse desenvolvimento em particular da fonologia do quenya” (FAUSKANGER, 2011). Enquanto no primeiro esse som é representado ortograficamente por *ch* como em *Bücher* (livros), no segundo tal som aparecerá em palavras em que o *h* aparece após as letras *i* e *e*, como em *ehtë* (lança).

Partindo para as impressões em “A Sociedade do Anel”, a primeira vez que o quenya aparece é numa canção élfica de forma indireta, ou seja, sabe-se que está em quenya porque Frodo, o protagonista, é o único até então capaz de compreender a língua e de traduzi-la para seus outros amigos *hobbits*, os quais, por sua vez, só compreendem e produzem o westron, também chamada Língua Geral (do inglês, *Common Speech*). Isto se dá no capítulo III, livro I, “Três não é demais”. Quando os *hobbits* entram em contato com os Altos-Elfos (também chamados Exilados), somente o líder Gildor é capaz de se comunicar, enquanto os outros “conversavam entre si num tom baixo, em sua própria língua” (TOLKIEN, 2000). Essa manutenção da conversa em quenya revela que se trata de uma língua usada para a comunicação oral entre os elfos, mas também serve para excluir os *hobbits* do discurso, uma vez que eles não compartilhavam dos mesmos códigos linguísticos.

Em seguida, Frodo recita uma das saudações em quenya: *Elen síla lumenn' omentielvo*, e o leitor logo tem acesso à tradução: uma estrela brilha sobre a luz do nosso encontro. Ao anunciá-la, imediatamente a postura dos elfos e o tratamento em relação aos *hobbits* se transforma, já que Gildor declara: “Aqui está um estudioso da Língua Antiga. Bilbo foi um bom mestre. Salve, amigo-dos-elfos!” (TOLKIEN, 2000). É importante ressaltar a menção de Bilbo, tio de Frodo, pois até então fora o único *hobbit* a ter contato com elfos (relatado em *O Hobbit*, publicado no Brasil também pela Martins Fontes) e, portanto, a estudar sua língua e a passar seus conhecimentos ao sobrinho.

A próxima vez em que aparecem palavras em quenya é no capítulo XII, livro I, “Fuga para o Vau”. As palavras *Ai na vedui Dúnadan! Mae govannen!* são

proferidas por um estrangeiro ao avistar os *hobbits* e Aragorn, cujo nome está em sindarin, a outra língua élfica também presente nas obras de J. R. R. Tolkien. Em relação a essas palavras, o leitor não tem acesso à tradução. Apenas é sabido que é um elfo quem as profere e revela para os personagens, portanto, que se trata de um amigo. Esse mesmo elfo, posteriormente no mesmo capítulo, ordena seu cavalo através das palavras *noro lim, noro lim, Asfaloth!* e, mais uma vez, o leitor não sabe seu significado. Apenas denota que o quenya é também capaz de ter a função conativa, isto é, aquela relacionada às ordens e ao poder de convencimento.

Já no capítulo I, livro II, “Muitos encontros”, Bilbo canta o hino dedicado a Elbereth, nome em quenya da deusa Varda, a responsável por gerar os elfos no mito criado por Tolkien. Mesmo que Bilbo não seja um elfo e, dessa forma, não seja nativo do quenya, ele possui profunda afeição por esse povo, o qual sempre o recebeu muito bem. O hino é composto por apenas uma estrofe: *A Elbereth Gilthoniel,/ silivren penna míriel/ o menel aglar elenath!/ Na-chaered palan-díriel/ o galadhremmin ennorath,/ Fanuilos, le linnathon/ nef aear, sí nef aearon!*, sem tradução disponível em seguida. Entretanto, Bilbo afirma que “é uma canção para Elbereth (...) cantarão esta e muitas outras canções do Reino Abençoado muitas vezes essa noite!” (TOLKIEN, 2000), sugerindo o uso da língua em cerimônias e em rituais.

Um considerável trecho da narrativa é transcorrido sem que reapareçam frases em quenya, pois somente no capítulo VI, livro II, “Lothlórien”, Aragorn professa *Arwen manivelda namárië* a Arwen, uma elfa pela qual ele se apaixona. Nesse momento, os *hobbits* estavam na companhia deles e, embora todos pudessem usar a Língua Comum, a personagem opta pelo quenya, e essa troca de código linguístico configura não somente uma aproximação ao interlocutor como também exclui aqueles que não compartilham de seu conhecimento. Entretanto, o leitor é capaz de compreender que se trata de uma despedida, pois eles não voltam a ter contato e porque *namárië* significa “adeus”, justamente porque essa palavra é o título do poema mais conhecido em quenya, o qual aparece momentos depois proferido por Galadriel no capítulo VIII, livro II, “Adeus a Lórien”. O poema é composto por quatro estrofes, mas é relevante transcrever apenas a última, já que aparece a palavra mencionada: *Namárië! Nai hiruvalyë Valimar./ Nai elyë hiruva. Namárië!* A narrativa continua com a tradução de toda despedida. O trecho em português correspondente é: “Adeus! Talvez hajas de encontrar Valimar. Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la. Adeus!” (TOLKIEN, 2000). Esses exemplos mostram, mais uma vez, que o quenya aparece em rituais e em encontros específicos como língua cerimonial.

Por fim, no capítulo IX, livro II, “Grande Rio”, Legolas, um elfo que acompanha os *hobbits* em seu trajeto e utiliza com eles sempre a Língua Comum, usa o quenya, revelando um lapso ocasionado por fatores externos, neste caso um susto com o que vira. “ - *Yrch* – gritou Legolas, na sua própria língua, num lapso”. (TOLKIEN, 2000).

Assim, até o final de “A Sociedade do Anel”, não se tem mais registro do quenya, pois não há mais momentos cerimoniais, tampouco conversas de elfos entre eles ou entre eles e outros povos.

4. CONCLUSÕES

A partir do que foi exposto, vê-se que o estudo de línguas artificiais e de línguas em contato pode contribuir para melhor entendimento e melhor apreciação de obras de literatura fantástica. Vê-se que J. R. R. Tolkien, ao criar o

quenya, quis dar-lhe falantes e mitos em torno dele para que pudesse se firmar como língua. Dessa forma, ele aparece em diversos momentos da narrativa, seja durante a conversação do povo élfico, seja durante cerimônias e rituais. A pesquisa pretende continuar analisando as funções e os momentos em que o quenya é trazido nos outros dois livros que compõem a trilogia de “O Senhor dos Anéis”. São eles, respectivamente, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FAUSKANGER, H.K. **Curso de Quenya: A mais bela língua dos elfos**. Curitiba: Arte & Letra, 2011.
- STÖRIG, Joaquim Hans. **A Aventura das Línguas**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1990.
- TOLKIEN, J.R.R. **Lord of Rings: The Fellowship of the Ring**. Londres: Harper Collins Publishers, 2014.
- Quenya grammar**. Acessado em 07 ago. 2016. Online. Disponível em: http://tolkiengateway.net/wiki/Quenya_Grammar